



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO: COMUNICAÇÃO SOCIAL - HABILITAÇÃO EM JORNALISMO

RAQUEL MÍRIAN NÓBREGA

**PROGRAMA CORREIO VERDADE: SENSACIONALISMO NAS PRÁTICAS
JORNALÍSTICAS**

CAMPINA GRANDE

2014

RAQUEL MÍRIAN NÓBREGA

**PROGRAMA CORREIO VERDADE: SENSACIONALISMO NAS PRÁTICAS
JORNALÍSTICAS**

Artigo Científico apresentado ao Curso de Comunicação Social da UEPB como pré-requisito para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ada Kesea Guedes Bezerra

CAMPINA GRANDE

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

N754e Nóbrega, Raquel Mirian

Programa Correio Verdade [manuscrito]: sensacionalismo nas práticas jornalísticas / Raquel Mirian Nóbrega. - 2014.

25 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2014.

"Orientação: Profa. Dra. Ada Kesea Guedes Bezerra, Departamento de Comunicação Social".

"Colaboração: Ingrid Farias Fachine Oliveira", Michelle Wadja

1. Telejornalismo policial. 2. Sensacionalismo. 3. Correio Verdade I. Título.


21. ed. CDD 070.195

RAQUEL MÍRIAN NÓBREGA

O ESTILO SENSACIONALISTA NO PROGRAMA CORREIO VERDADE

Aprovado em 26 de fevereiro com nota 10,0 (Dez)

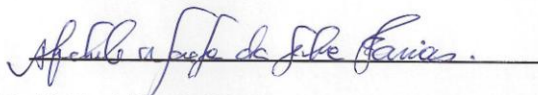
BANCA EXAMINADORA:



Profª. Drª. Ada Guedes - UEPB - (Orientadora)



Profª. Drª. Ingrid Farias Fechine Oliveira- UEPB - (1º Examinadora)



Profª. Ms. Michelle Wadja – UEPB - (2º Examinadora)

CAMPINA GRANDE

2014

AGRADECIMENTOS

Sou grata:

Aos meus pais, que permitiram minha existência e me apoiaram em todos os momentos da vida;

Aos meus familiares a quem estimo em nome dos meus irmãos Michelle, Roberto e Michel, por participar dos momentos difíceis e prazerosos cotidianos.

À professora Ada Guedes, por aceitar ser a orientadora deste TCC, ajudando nesta reta final de minha caminhada na UEPB;

Às professoras Michelle e Ingrid por fazer parte desta banca e contribuir para a construção deste trabalho;

Por fim, aos professores do Curso de Comunicação Social da UEPB que me moldaram jornalista e contribuem para a formação de centenas de comunicadores sociais paraibanos.

RESUMO

Este trabalho estuda elementos do “sensacionalismo” no programa Correio Verdade, telejornal exibido diariamente, de segunda a sábado, ao meio dia, pela TV Correio-Paraíba. A metodologia usada é o Estudo de Caso, método Qualitativo que parte de análise de casos específicos, generalizando-os. Seu valor justifica-se pela necessidade de entender como se configura o jornalismo popular, assim como sua relevância. O trabalho está dividido em três capítulos. O primeiro versa sobre os aspectos do telejornal do tipo policial. O segundo faz uma discussão acerca das características do sensacionalismo. O último analisa o programa Correio Verdade à luz dos aportes teóricos que discutiram sensacionalismo na imprensa. Para isso, três reportagens exibidas entre os meses de novembro e dezembro, do ano 2013, foram selecionadas, a saber: um filho que matou sua mãe a pauladas, um filho que matou seu pai e um assassinato cometido em um bar. Todos os crimes ocorreram na Paraíba. As “matérias” foram gravadas e posteriormente digitalizadas. A partir das reportagens, o programa é qualificado como sensacional, já que possui diversas características deste tipo de jornal, tais como o uso da linguagem clichê e a dramatização.

PALAVRAS-CHAVE: Telejornalismo policial; Sensacionalismo; Correio Verdade.

ABSTRACT

This paper studies elements of "sensationalism" in Mail Truth, television news appears daily Monday to Saturday, at noon, on TV Paraíba - mail program. The methodology used is the Case Study, Qualitative method that part of casework, generalizing them. Its value is justified by the need to understand how to configure popular journalism, as well as their relevance. The work is divided into three chapters. The first deals with aspects of the newscast enforcement type. The second is a discussion of the characteristics of sensationalism. The latter analyzes the Truth mail program in the light of theoretical contributions that discussed in the press sensationalism. For this purpose, three reports appear between the months of November and December of the year 2013 were selected, namely: a son who killed his mother with a stick, a son who killed his father and a murder committed in a bar. All crimes occurred in Paraíba. The "materials" were recorded and digitalized. From the reports, the program is described as sensational, as it has several features of this type of paper, such as the use of boilerplate language and drama.

KEYWORDS: Police Newscast; Sensationalism; Mail Truth.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
1 O QUE É JORNALISMO TEMÁTICO?.....	09
2 O SENSACIONALISMO NA IMPRENSA.....	10
2.1 ASPECTOS DA “IMPRESA MARRON”	11
2.1.1 O valor dos “ <i>Fait Divers</i> ”	12
2.1.2 O uso da Linguagem comum.....	13
2.1.3 Função social do jornalismo popular.....	14
2.1.4 As Fontes informais.....	15
3 O ESTILO SENSACIONAL NO PROGRAMA CORREIO VERDADE.....	16
3.1 ESTUDO DE CASO.....	17
3.1.1 O “cafajeste que pega um pau e mata a própria mãe”	17
3.1.2 O “cara que mata o pai”	20
3.1.3 A vítima que é “homem de bem”	23
4 CONCLUSÃO.....	25
5 REFERÊNCIAS.....	26

INTRODUÇÃO

A história do jornalismo policial mostra que, no Brasil, os jornais que abordam esse gênero passaram a ser veiculados na TV desde a década de 70. De alguns anos para cá, eles passaram a ocupar espaço diário tanto no início quanto no final da tarde de emissoras como SBT e Record e suas afiliadas. Tais programas, que tratam dos casos cotidianos que envolvem segurança pública, possuem uma ligação estreita com o fenômeno conhecido como sensacionalismo na imprensa, cujo estilo se diferencia dos jornais “formais” por distintivos específicos.

Este trabalho visa diagnosticar elementos do “sensacionalismo” no programa Correio Verdade, exibido diariamente ao meio dia pela TV Correio-Paraíba. A metodologia usada é o Estudo de Caso, método Qualitativo que parte de análise de casos específicos, generalizando-os. Seguindo este método, três reportagens exibidas entre os meses de novembro e dezembro, do ano 2013, foram selecionadas, a saber: um filho que matou sua mãe a pauladas, um filho que matou seu pai e um assassinato cometido em um bar. Todos os crimes ocorreram na Paraíba. As “matérias” foram gravadas e posteriormente digitalizadas. Seu conteúdo permite identificar características do telejornal. Ver-se-á que o modo de produzir e veicular informações, assim como o discurso do apresentador do programa, Samuca Duarte, são elementos primordiais para elencar os aspectos e características do jornalismo policial sensacionalista, no Correio Verdade.

Tal pesquisa se faz relevante porque busca entender o “modo de fazer jornalismo” no programa Correio Verdade, que por sua vez possui uma audiência significativa no horário, ou seja, ao meio dia. O estudo contribui, ainda, para refletir os novos estilos jornalísticos e o papel do sensacionalismo na televisão brasileira.

Entre os pressupostos teóricos que contribuíram para o estudo estão Agrimani (1995), Amaral (2006) e Oliveira (2008), que através de suas produções textuais discutiram o estilo sensacionalista na imprensa.

1 O QUE É JORNALISMO TEMÁTICO?

Os estudiosos da área de Comunicação Social costumam dividir o jornalismo em áreas temáticas que são os assuntos cotidianos - ou extra cotidianos - abordados nas notícias. Eles se configuram em: Policial, Econômico, Cultural, Esportivo, Político, entre outros, e por tratarem de temas exclusivos são classificados de especializados, ou temáticos. Um destes campos particulares é o jornalismo policial que trata de questões tais como segurança pública e violência. Os jornais temáticos podem ser impressos, radiofônicos, televisivos, ou de internet.

Oliveira (2008, p. 2) distingue telejornais temáticos de programas de jornalismo tematizados. Tal diferença é assinalada pelo modo, ou forma de veicular notícias. Segundo o autor, um telejornal é reconhecido por certos distintivos, tais como:

[...] a prestação de serviço, a abordagem de temas de interesse público, a produção e veiculação de notícias diárias, o uso do ao vivo, a maneira como abordam os fatos, a forma como articulam a linguagem televisiva empregada na apresentação de notícias, a utilização de repórteres, o horário na grade de exibição, a atualidade e a periodicidade em seus conteúdos, dentre outras marcas socialmente conhecidas.

Na TV aberta do Brasil existem tanto telejornais, quanto programas de jornalismo que abordam assuntos do âmbito policial. A Rede Record, por exemplo, exhibe um programa diário de telejornal policial, o “Cidade Alerta”, que se enquadra no perfil descrito por Oliveira (2008). A Band e a Rede TV, por sua vez, exibem dois programas temáticos que não possuem as características de um telejornal, mas se enquadram na categoria de programas de jornalismo policial, respectivamente intitulados “Operação de Risco” e “Polícia 24 Horas”. O programa “Correio Verdade” será tratado como um telejornal por possuir os caracteres específicos elencados pelo autor: é diário; transmitido ao vivo; tem apresentador e repórteres que versam sobre matérias diárias, ou seja, atuais que abordam questões públicas, entre outros distintivos.

O telejornalismo policial, no Brasil, possui uma ligação bem estreita com o fenômeno intitulado sensacionalismo. Este elemento é indispensável para entender

como se configura o jornalismo policial e, por conseguinte, entender as características do Correio Verdade.

2 O SENSACIONALISMO NA IMPRENSA

Segundo Agrimani (1995), o sensacionalismo é um estilo específico do jornalismo, diferente do aspecto convencional e objetivo. Ele aparenta fazer parte da imprensa desde que esta surgiu. Jornais franceses e norte-americanos do século XVI já tinham características sensacionalistas e traziam diversos fatos fantásticos que agradavam o público (Ibid.).

Nos Estados Unidos, o sensacionalismo ficou conhecido como “imprensa amarela” e seus principais distintivos são: exageros tipográficos nas manchetes, incerteza sobre veracidade dos fatos, uso excessivo de ilustrações, destaque a fatos envolvendo “pessoas comuns”, entre outros. Segundo Amaral (2006), alguns jornais populares norte americanos “foram acusados de lepra moral”. No Brasil, este tipo de imprensa ficou conhecida como “imprensa marrom”, o que pode ser resultado da assimilação de uma expressão francesa usada para designar métodos não confiáveis (AGRIMANI, 1995). Também se diz que a cor marrom estaria relacionada “a cor de merda” (AMARAL, 2006).

Na história da imprensa brasileira, diversos jornais impressos se caracterizam por pertencer ao gênero popular, tais como: a Folha da Noite, que circulou em São Paulo; a Última Hora, criado no Rio de Janeiro; Notícias Populares, também em São Paulo, e o Dia, este último existindo ainda hoje. Na televisão, se destacam os de jornalismo policial que surgiram por volta de 1966 com o programa intitulado “O homem do sapato branco”, apresentado por Jacinto Figueira Júnior, exibido na Globo e na Rede Record. Na década de 80 surgiu o programa “Cadeia”, cujo apresentador, Luiz Carlos Alborguetti, portava sempre uma toalha branca no pescoço e um pedaço de pau na mão (Ibid.)

Na década de 90, o “Aqui Agora”, projetou apresentadores como Carlos Massa - hoje, um dos apresentadores de TV mais conhecidos do Brasil, o Ratinho - e marcou o telejornalismo policial brasileiro. O “Aqui Agora” era composto por “reportagens de rua sobre casos policiais, sobrenaturais e direitos do consumidor”. Em 1997 o apresentador Carlos Massa, ganhou fama com os programas “Ratinho

Livre” e “Programa do Ratinho”, que focava problemas da população, tais como brigas de família, reconhecimento de paternidade, entre outros (Ibid.).

Ainda na televisão brasileira programas como “Cidade Alerta”, “Repórter Cidadão”, “Brasil Urgente” e “Linha Direta” são caracteristicamente populares e retratam violência urbana, política, economia, denúncias, problemas familiares, etc., misturando jornalismo e entretenimento. Muitos deles passaram de uma emissora a outra; alguns saíram do ar e outros ganharam novas denominações, mas conservando o mesmo estilo: o popular.

2.1 ASPECTOS DA “IMPrensa MARRON”

Existem particularidades que permitem diferenciar os jornais que podem ser chamados de tradicionais, ou formais daqueles classificados sensacionalistas. Amaral (2006) prefere o uso da expressão “jornalismo popular” para se referir a este modo específico de fazer jornalismo, por se tratar, segundo a autora, de uma expressão menos preconceituosa. O jornalismo popular, ou sensacionalista é aquele destinado às classes B, C e D. Nele, o que vira notícia é o fato que entretém o público, está próximo dele; pode ser traduzido em linguagem simples, dramatizado e possui utilidade.

Segundo a autora, algumas de suas características são: retratar o cotidiano a partir de crimes, violência, conflitos familiares, problemas pessoais, conflitos de rua e de bairros, fofocas, mulheres, etc. Eles têm, ainda, aspecto cômico, preços baixos, manchetes escandalosas e tipografia exagerada (no caso do jornal impresso).

Alberto Dines apud Erbolato (1981, p. 54) menciona que “o jornalismo popular pode ser agressivo, dinâmico, passional, porque é um reflexo da sociedade que o gerou”.

Erbolato (1981, p. 54) também cita a percepção de Jean Stoezel que destaca a função psicoterapêutica da imprensa e nos fornece outra perspectiva para pensar a imprensa popular. Para o francês, “o leitor quer relaxar suas tensões e estabelecer relações primárias que não pode ter em uma sociedade de massa”. O autor cita

casos em que o cidadão pode se imaginar no lugar daquele que cometeu o crime¹. Mas o sentimento inverso é de fato mais comum, ora, apresentadores exaltados, indignados com a insegurança, defendendo as vítimas e cobrando justiça das autoridades cabíveis representa exatamente o que o telespectador gostaria de dizer ou sente diante de um crime (Ibid.).

Tais discursos acabam por suscitar apelos à justiça com as próprias mãos, dentre outras questões. José Marques de Melo (1970) ao analisar o conteúdo de jornais impressos e revistas do Rio de Janeiro e de São Paulo chegou à conclusão de que não houve por parte daqueles veículos uma preocupação em veicular mensagens capazes de minimizar a tendência à violência na atualidade.

A seguir, algumas características do jornalismo policial e de caráter sensacionalista serão destacadas, com o intuito de fazer uma descrição, ainda que pouco detalhada, deste tipo de conteúdo.

2.1.1 “*Fait Divers*”

Segundo Agrimani (1995, p 25), “*fait divers*” são um componente crucial do jornalismo e constituem as notícias de tipos múltiplos que ocorrem no cotidiano:

[...] *fait divers* é uma rubrica sob a qual os jornais publicam com ilustrações as notícias de gêneros diversos que ocorrem no mundo: pequenos escândalos, acidentes de carro, crimes terríveis, suicídios de amor, operários caindo do quinto andar, roubo a mão armada, chuvas torrenciais, tempestades de gafanhotos, naufrágios, incêndios, inundações, aventuras divertidas, acontecimentos misteriosos, execuções, casos de hidrofobia [...]. Ampla gama de atos de salvamento e fenômenos da natureza..

Agrimani (Ibid.) apresenta teorias de autores que trataram da imprensa sensacionalista e que encontram nos “*fait divers*” o conteúdo e a forma de suas notícias: extravagância, interesse humano, espetáculo, sensações, crime, aventura, sadismo, romance, teatralização, morte, horror, medo, humor, sangue, futilidade, emoção, etc. Alguns autores afirmam que os “*fait divers*” objetivam incitar, nos

¹ “O cidadão, ao ler o noticiário policial, identifica-se com o assassino que matou a sogra e glorifica-o e o aplaude mentalmente, porque ele, o leitor, em seu subconsciente, desejaria fazer o mesmo com a mãe de sua mulher e não tem coragem. A matéria sobre a mulher que matou o amante e foi condenada traz alegria interior ao homem que tentou, e não o conseguiu, um amor clandestino, fora de seu lar” (Ibid. p. 54).

expectadores, paixão, emoção; aproximá-los do fato, como se o público participasse dele; outros dizem que possuem função terapêutica para instintos reprimidos dos homens. Porém, segundo o autor, a carga pulsional seria o fim último do sensacionalismo (Ibid.).

No telejornalismo policial os fatos preferidos são aqueles que envolvem polícia. São os crimes, de modo geral: hediondos, homicídios, latrocínio, delinqüência, roubos, violência doméstica, assalto, prisões, buscas e apreensões, operações policial de forma geral, estupro, etc.

2.1.2 Linguagem

O jornalismo sensacionalista é conhecido por fazer uso da linguagem informal para se comunicar com o leitor, ouvinte ou telespectador. Pode-se dizer que a linguagem é uma das principais ferramentas que viabilizam distinguir um jornal tradicional do popular. Este, geralmente lança mão de gírias, palavrões, estereótipos, estigmas, linguagem chula, enfim, expressões não utilizadas na imprensa formal, que na maioria das vezes fogem dos padrões de Ética jornalística e das próprias leis vigentes, cujo resultado são diversos processos judiciais contra apresentadores deste tipo de telejornal.

Pontuando características do telejornalismo brasileiro, Rezende (2000) afirma que simplificar palavras é um desafio para todo jornalista. Apesar das amplas discussões acerca da primazia da imagem sobre a palavra, esta última tem uma importância imprescindível para o telejornalismo e possui um poder muito forte. A linguagem da televisão pondera entre formal e informal, tal como sugere o Manual de Redação da Folha de São Paulo, que sugere que a produção textual de um jornal deve utilizar linguagem cotidiana, sem marginalizar os padrões da língua culta (Ibid.). Portanto, deve-se ter cuidado para não confundir linguagem informal com aquela popular que foge das regras lingüísticas, tais como gírias e palavrões.

De acordo com Amaral (2006) o jornalismo popular é acusado de utilizar uma linguagem “composta por palavras chulas, gírias e palavrões”; explorar a violência, ter mau gosto, distorcer a informação e compor a mensagem como mera mercadoria. Contudo, é válido ponderar sobre essa questão, pois caracterizar o jornalismo popular deste ponto de vista é agir com preconceito. Afirmar que o

jornalismo popular distorce informações, por exemplo, é pensá-lo à luz de uma concepção purista do jornalismo, pois toda notícia sofre interferência em sua construção, seja da política do jornal, do “status da fonte”, dos próprios jornalistas, etc. O jornalismo popular também não deveria ser pensado por seu interesse venal, já que “é evidente que todos os jornais, pela necessidade de sobrevivência, se tornaram mercadoria” (Ibid.).

Segundo Agrimani (1995), A linguagem utilizada em conteúdos marcados pelo sensacionalismo é a do tipo clichê, ou seja, comumente conhecida, que está mais próxima do expectador. Por causa desta característica querer despertar sensações no expectador, o repórter e o apresentador dramatizam a narração e utilizam recursos que fogem dos formais para se aproximar dos atores envolvidos na notícia.

Para o autor, quando o repórter do jornal de TV sensacionalista estiver entrevistando, por exemplo, um estuprador de menores, não pode igualmente optar pela objetividade e distanciamento. O ideal é assumir o papel de “superego” e ser bastante agressivo com o transgressor, usando microfone, as imagens e as perguntas como um chicote punitivo.

Ver-se-á que o programa Correio Verdade trabalha com este modo de transmissão de informação: aquela dramatizada, a voz imperativa do repórter, a demonstração de emoções do repórter tais como raiva, indignação, etc., ou seja, o uso de recursos de aproximação e envolvimento do público com a notícia veiculada.

2.1.3 Função social

Souza (2009) apresenta uma perspectiva positiva do jornalismo sensacionalista e afirma que este possui a função social de “ampliar a participação popular” nas lutas políticas e sociais. “A mídia possui uma importância relevante na história do Brasil e se tem o alcance que possui é o público que lhe confere”. Para a autora, é bastante comum ver jornalistas criticando jornais sensacionalistas sob a acusação de que estes não assumem um compromisso com a ética, a imparcialidade, o respeito à linguagem mesmo que usada de modo coloquial.

O sensacionalismo, para a autora é “qualquer manifestação literária, artística, etc. que explore sensações fortes, escândalos ou temas chocantes, para atrair a atenção do público” (SOUZA, 2009). Se uma notícia é sensacionalista isto não

significa que ela seja errada, mas apenas apresentada sob uma “manifestação literária” diferente. O jornalismo policial “ao mesmo tempo que denuncia, também educa, conscientiza, ratifica os valores humanos e estimula ações de público de massa”. Sensacionalismo e ética não são elementos que se contradizem e podem coexistir em um mesmo conteúdo jornalístico.

Amaral (Ibid.) ressalta, ainda, que o sensacionalismo não deveria ser pensado somente à luz da violência ou do jornalismo policial, pois ele é mais comum à imprensa do que se imagina e pode-se conjecturar de modos diversos. Neste sentido todo jornal carregaria teria um pouco de sensacionalismo.

2.1.4 Fontes

Todo jornalista sabe que as fontes são fatores cruciais de produção e veiculação de informações. Existem diversos tipos de fontes classificadas em formais, informais, etc. As fontes formais, ou legítimas dão credibilidade e confiabilidade às matérias. De acordo com Amaral (2006), no jornalismo sensacionalista o discurso das fontes oficiais é reduzido em detrimento da fala de fontes populares ou de fontes meramente testemunhais, cujo resultado é somente a apresentação e não a explicação do fato. A população, nesta perspectiva, também pode assumir a função de pauteiro.

Muitos jornais e programas adotam como prioritárias fontes que não tem o papel de explicar o que ocorre na sociedade, mas assumem uma função testemunhal de autenticar o acontecimento ou gerar sensação. Em muitos jornais sensacionalistas se dá intensa visibilidade à fala dos populares, deixando para segundo plano fontes públicas, oficiais, ou especializadas..

Oliveira (2008) concorda que no jornalismo popular, as principais fontes de informação são a própria população e as polícias, vale acrescentar, especialmente a Polícia Militar que, junto com a população, geralmente são as testemunhas dos casos de polícia mais corriqueiros, abordados nesses telejornais.

Existem, ainda, diversas outras características que distinguem o telejornal sensacionalista dos telejornais formais. O Jornal popular lança mão da jocosidade para atrair o público. Ela se expressa no uso de gírias, na postura corporal do apresentador, no uso de vinhetas bizarras especialmente produzidas para esta

finalidade; de músicas populares sobrepostas à fala do apresentador e dos repórteres, dentre outros recursos.

A performance cênica também se constitui um caractere deste tipo de jornal. Enquanto no telejornal formal o apresentador está posicionado de forma estática, geralmente em pé, ou sentado, no sensacional o apresentador percorre o cenário, fazendo gestos com braços, mãos, pernas, cabeça, dramatizando sentimentos tais como raiva, tristeza, indignação, satisfação, choro. Tais caracteres lembram a leitura que Agrimani faz do sensacionalismo, cujo propósito seria despertar sensações no telespectador, dando vazão a esses sentimentos de fúria, indignação e revolta.

3 O ESTILO SENSACIONAL DO PROGRAMA CORREIO VERDADE

O programa “Correio Verdade” é um telejornal temático da Rede Record Paraíba. Conhecido popularmente como “Programa do Samuca” ganhou este nome, provavelmente, pela popularização do apresentador, chamado Samuca Duarte. É exibido diariamente, de segunda a sábado, ao meio dia. Como foi visto no primeiro capítulo deste trabalho, o “Correio Verdade” é classificado de telejornal policial sensacionalista, pois como será visto, possui vários caracteres desse tipo de conteúdo como foi explanado anteriormente a partir das perspectivas dos autores abordados.

Os repórteres do Correio Verdade possuem codinomes, ou apelidos, tais como “Cabuloso”, “Maria Lampião”, “Cancão da Madrugada” e “Mofí”. Alguns destes codinomes fazem referência à cultura nordestina. Maria lampião, por exemplo, se dirige aos entrevistados, geralmente criminosos, com tom vocal sério, por vezes agressivo, provavelmente uma forma de fazer referência a Maria Bonita, esposa do famoso e severo cangaceiro nordestino, Lampião. Mofí, por sua vez, é um repórter que chama seus entrevistados de mofí, uma expressão popular, também do nordeste, que consiste na abreviação da frase “meu filho”.

O Correio Verdade aborda diariamente fatos diversos que envolvem problemas de família, crimes hediondos, casos particulares da vida de indivíduos comuns, entre outros, e tudo é apresentado de modo extravagante, jocoso, por vezes dramatizado. De acordo com uma pesquisa de Ibope realizada em 2011, o programa possui audiência domiciliar de 46,18%, neste horário, no estado. Em média, 50,14% desta audiência é a classe C. Em seguida, vêm as classes A e B

com 26, 24%. Por fim, D e E com 24,%². Há que se notar, portanto, que ao contrário do que se imagina, as classes A e B dão significativa audiência ao programa.

3.1 ESTUDO DE CASO

A seguir, serão apresentadas três matérias exibidas entre os meses de novembro e dezembro de 2013, no Correio Verdade. Todas são relativas a homicídios. A primeira, versa sobre um filho que matou sua mãe na cidade de Caiçara. Em seguida, é descrita a reportagem sobre o crime de um filho que matou o pai. A terceira é relativa a um assassinato em João Pessoa. Através delas é possível extrair evidências que viabilizam caracterizar o programa de sensacionalista.

3.1.1 O “cafajeste que pega um pau e mata a própria mãe”

A primeira matéria tem início com o apresentador relatando o caso. No cenário, enquanto narra ele gesticula e mostra indignação pelo crime. Samuca se refere ao criminoso usando expressões populares que fogem dos padrões de Ética jornalística, tais como “doido”, “filho do satanás” e “filho do cão” e conduz seu discurso de maneira a levar o telespectador a fazer o exercício de mentalizar a crueldade do crime. Há uma tentativa de mexer com os sentimentos do telespectador no momento. O apresentador mostra piedade pela vítima, quando usa expressões tais como “pobre da mãe” e “pobrezinha da mulher”, e revolta pelo assassino.

SAMUCA (S): Um filho do Satanás, que diz que tá fraco do juízo, que é doido e que tava conversando com a mãe, batendo um papo com a mãe. A pobre da mãe conversando com ele e tal, aí se virou. Ele pega um pau e mete nas costas da mãe. Por trás, mete na cabeça da mãe, aí ela desmaia. Quando ela desmaia, ela [diz]: meu filho? Meu filho? E ele de novo, outra porrada na cabeça dela e aí a pobrezinha da mulher morreu. Isso aconteceu em Caiçara, minha gente. E vocês vão ver agora o que ele diz à repórter Jaceline Marques, a Maria Lampião, que foi à cidade de Caiçara, conversou com ele, imprensou ele e veja a cara desse cara. [...]. O filho do cão, do satanás, em pleno Natal, aonde deveríamos seguir o exemplo de Jesus

²Esta informação está disponível no site do programa “Correio Verdade”: www.sites.portalcorreio.com.br/correioverdade.

Cristo, desrespeitou a mãe dele. [...]. Aí aparece um cara diferente, o espírito do capeta, que desobedece a mãe, quer matar a mãe, [...] e depois dá uma de quem tá doido, nhem nhem nhem, nhem, nhem, nhem, tá doido, mas a loucura dele nunca pediu pra matar ele mesmo. Mostra aqui os detalhes da barbaridade que aconteceu em Caiçara.

Na seqüência, a reportagem é exibida. O apresentador chama a repórter por seu codinome. A repórter usa um tom de voz imperativo com a vítima, justificado na fala do apresentador, segundo o qual a repórter “deu um impressão” no agressor, entrevistado. Não há distanciamento do fato. Longe disso, a repórter mostra envolvimento com ele.

REPÓRTER (R): O crime brutal aconteceu por volta das três e trinta da tarde. [Diz o nome do criminoso], dezenove anos, disse ter matado a própria mãe, [diz o nome da vítima], quarenta e dois anos, após ter ouvido vozes do além.

POLICIAL 1 (PM 1): Ele falou que foi induzido por vozes mandando que ele pegasse um pau para ceifar a vida da própria mãe. Ele procurou um pau fora de casa, veio e quando a mãe o viu com um pau na mão, tentou correr, foi quando ele desferiu a primeira paulada e após a primeira, desferiu diversas outras pauladas.

R: Quer dizer que ele não começou a matá-la na cozinha. Ele começou a matá-la do lado de fora, ela correu e ele perseguiu?

PM 1: Quando ele foi buscar o pau, pra ser instrumento da execução do crime, da vontade dele, ele a encontrou na cozinha, aí lá ele desferiu a primeira paulada, mas antes disso ela começou a correr, pois já sabia que ia ser abatida por ele, né? [...].

R: Você contava pra gente que ajudou a polícia a pegar o [diz o nome do criminoso] e que ele contava que a cada paulada que dava, o demônio mandava ele dar mais uma, foi assim?

TESTEMUNHA: Foi assim. A gente dizia: mais rapaz tu matou tu mãe? Ele dizia assim: a cada paulada que eu dava o demônio mandava eu dar mais.

R: Como foi que vocês conseguiram efetuar a prisão deste elemento, rapaz cruel, matar a própria mãe?

POLICIAL MILITAR 2: A gente recebeu a denúncia que ele tinha corrido aqui pro rio Curimataú. O sargento [nome do sargento], juntamente com o soldado [nome do soldado] foram no encalço do mesmo e conseguiram deter o mesmo.

R: Porque você matou sua mãe a paulada?

CRIMINOSO (C): Passou pensamento ruim na cabeça aí eu fiz o má.

R: Matou a própria mãe?

C: Sim.

R: Como foi que tu matou ela?

C: Ela tava na área debaixo do alpendre e a gente tarra lá conversando, aí ela deu as costas e eu peguei um pau e meti na cabeça dela.

R: Quer dizer que não houve nem discussão, tu matou porque passou na tua cabeça?

C: Foi,

R: Tu diz, com a maior frieza do mundo, isso aí?

C: Frieza? O que significa isso?

R: Calmo, tranqüilo. Tu num tá nem arrependido?

C: Tô sim, que é minha mãe.

R: Mas eu num tô vendo aí nenhuma lágrima no teu olho?

C: Não.

R: Tua mãe era boa pra tu?
 C: Era.
 R: Como é que você foi tão perverso ao ponto de matá-la a pauladas?
 C: Aconteceu.
 R: Aconteceu? Tu acha que isso é normal?
 C: Sei lá.
 R: Quem é que sabe?
 C: Sei não.
 R: Tu chegou a discutir com ela ontem, hoje? Foi só perversidade mesmo?
 C: A gente num discutiu não.
 R: O que é que tu tinha na cabeça quando resolvesse matar tua mãe?
 C: Passou pensamento rim.
 R: Quer dizer: passou e tu fez?
 C: Foi.
 R: A tua mãe te criou, trocou tuas fraldas, te deu comida, te alimentou e ensinou seus primeiros passos. Como é que você foi capaz de fazer uma covardia como essas com ela?
 C: Aconteceu.

É possível perceber, nitidamente, a linguagem simples da repórter, bem como a prioridade do espaço concedido ao relato da testemunha e do acusado em detrimento da fala do policial, que é a fonte autorizada. Após a entrevista, Samuca Duarte retoma a fala no estúdio, onde faz sua avaliação e comentários sobre o caso. É neste momento que ele revela expressões de indignação com o fato, visto nas expressões “sentimento de revolta” e “sentimento de piedade”, “dá nojo”, além do tom de voz alterado.

Meu amigo, eu fico aqui, sabe, preste atenção, com um sentimento de piedade [...] pela mãe. [...]. E ao mesmo tempo eu sou tomado por um sentimento de revolta contra esse cara aí. Infelizmente, pra você que está me assistindo agora, eu num posso dizer o que eu quero, porque senão eu vou ser processado. Aí vai aparecer pessoas hipócritas me processando, porque eu falei demais, porque eu tenho que tratar esse bichinho aqui [apontando para o telão com a foto do criminoso], eu tenho que ter cuidado com o que vou dizer porque o bichinho é doido, o bichinho é fraco do juízo, o bichinho tem problema psicológico. Então eu tenho que ter cuidado, porque esse bichinho aqui agente não pode fazer nada com ele [...], porque ele tem problema psicológico. Eu sou capaz de receber um processo se eu disser aqui o que eu tenho vontade de dizer com esse cafajeste, que pega um pau, e mata a própria mãe e ainda fica dizendo: aconteceu. Aconteceu não, meu irmão, você quis! Você quis fazer isso aí depois diz que foi voz do diabo, voz do satanás, voz não sei de onde. E porque a voz só vinha pra ele matar a mãe? Porque não veio a voz e disse: ó bicho, engole um quilo de prego! Porque não veio uma voz e disse: engole uns pedaço de vidro! Porque num veio uma voz dizendo assim pra ele na cabeça dele: ei, toma veneno e morre! Mas não! Aí vem a voz mandando o cara matar a mãe! [...]. Aí o cara pega, usado pelo capeta, e diz que matou a mãe porque ouviu vozes. Bota de novo o que esse nojento está falando. Eu num tenho medo de chamar ele de nojento, chamar de tudo o quanto num presta com ele e se quiseram me processar, pode me processar porque eu estou aqui em

defesa do ser humano [...]. E esse cafajeste, canalha, da pior qualidade faz isso com a mãe! Eu quero terminar [essa matéria] porque dá nojo ouvir esse cara aqui [...].

Através de suas considerações finais, o apresentador mostra revolta contra o criminoso, denominando-o com palavrões. Chama atenção o fato do apresentador pré julgar o criminoso - porém de forma indireta - se posicionando contra a possibilidade de um laudo pericial classificar o acusado de inocente, em detrimento de um distúrbio psicológico. O “bichinho”, não seria “doido”, nem teria “distúrbio psicológico”, mas “nojento”, “canalha”, que cometeu o crime de forma intencional e consciente.

3.1.2 O “cara que mata o pai”

A matéria a seguir é um homicídio, onde um filho mata o pai. Do mesmo modo que na matéria anterior, Samuca “chama” a reportagens já opinando sobre o crime, ou seja, emitindo juízo acerca da vítima e do criminoso, assim como mostrando indignação pelo fato.

Mostra aqui uma imagem pra você que está em casa [aponta para a imagem do idoso na tela]. Aqui é uma rede. Nessa rede está um homem deitado. [...]. Esse homem nessa rede aqui é um cidadão de sessenta e oito anos, um trabalhador, criou seus filhos, com carinho e com muito amor. Agora me mostra [...] a foto do filho dele [no telão a foto do filho do idoso]. Esse homem aqui, esse rapaz, você olhando pra ele, você tem coragem de chamar ele pra tomar um cafezinho na sua casa. [...]. Você olha e diz: rapaz esse aqui é uma cara bacana. [...]. Esse cara aí, você olhando, ele num ofende a ninguém [...], gente boa, bacana, mas num é não. Esse cara matou aquele homem que estava na rede. [...]. sabe quem é esse homem da rede aí? É o pai dele. [...]. Como é que um filho tem coragem de chegar na rede onde seu pai está dormindo e ele pega um pedaço de pau e mete na cabeça do pai dele e mata o pai?. Vamos ver a matéria que eu tô já ficando invocado.

A emissão de juízos sem comprovação empírica dos fatos é constante. Quando o apresentador diz: “homem trabalhador”, “criou seus filhos com carinho e com amor”, esta é uma seqüência de emissão de opinião acerca da vítima, que talvez não corresponda à realidade: será que a vítima criou seus filhos deste modo,

ou seja, era um pai exemplar? Não teria sofrido, o assassino, violência doméstica na infância, ou na juventude? Com base em que tipo de informações o apresentador emite tais juízos? Não seria preciso, primeiro, um laudo de saúde mental do agressor, emitido pela Polícia Civil para constatar as motivações do crime, se intencional, passional, por insanidade mental, etc? Pelo discurso do apresentador, o telespectador é levado a sentir raiva pelo agressor.

Após demonstrar indignação pelo fato, dizendo que “está ficando invocado”, o apresentador “chama” a reportagem, a seguir.

REPÓRTER (R): [diz o nome da vítima] é acusado de matar o próprio pai a pauladas, o agricultor [diz o nome do agricultor], de sessenta e oito anos. O crime aconteceu no último domingo no município de [...], sertão paraibano. Na tarde de ontem o acusado foi preso [...] por policiais civis de Souza. Durante o depoimento [nome do criminoso] confessa o crime e diz que está arrependido. Ele afirma ter matado o pai porque a vítima chegava em casa embriagado, causando confusão.

CRIMINOSO (C): Quando bebia, ele chegava em casa fazendo movimento. A gente discutiu e por causa dessa discussão eu tive raiva dele e fiz essa bobagem.

R: Por que você resolveu fazer isso justamente quando ele estava dormindo? Você premeditou tudo? [...]. Num foi um ato mais que covarde não?

C: Acho que sim.

R: Quantos golpes você desferiu nele?

C: Foi de três pra cinco.

R: Quais as palavras que ele disse quando estavam sendo desferidos estes golpes?

C: Ele disse: ai meu Deus! Falou só isso mesmo e pronto.

R: Ele reconheceu que era você que estava desferindo os golpes?

C: Reconheceu.

R: Você não se arrependeu hora nenhuma quando estava desferindo os golpes? Foram cerca de cinco golpes que você disse. Porque já no segundo você não parou? Que ódio era esse?

C: Sei lá. Isso é uma tentativa do cão mesmo. Bobagem o que eu fiz. Perdi a cabeça nessa hora.

R: O acusado foi encaminhado [...] para Souza e deve responder por Homicídio Qualificado de Motivo Fútil.

Delegado: Alega ele que o pai chegou embriagado, mas isso não justifica esse bárbaro homicídio [...]. Felizmente ele se encontra preso e não há nenhum motivo para que o mesmo seja posto em liberdade.

A repórter, assim como a apresentador, emite juízos acerca do crime, ao mesmo tempo em que entrevista o assassino. Isso é diagnosticado nos momentos em que ela interroga: “num foi um ato mais que covarde não”? “que ódio era esse”? Não há um distanciamento e uma objetividade característica do repórter do jornal formal. “Maria Lampião” expressa visivelmente seu sentimento revolta com o crime.

Após exibição da reportagem, Samuca argumenta a respeito do fato. Gesticula, realizando uma espécie de reconstituição da cena do crime. O uso de palavrões para se referir aos autores dos crimes é constante e pode ser visto nas três reportagens. Enquanto policiais militares denominam criminosos de elementos, por exemplo, Samuca usa expressões que foge, ou dos padrões da linguagem culta, ou da Ética jornalística, tais como “filho de satanás”, “filho do cão”, “o bichinho”, “fraco do juízo”, “doido”, “cafajeste”, “bicho nojento”, “safado”, “canalha”, “tijolo de fossa da pior qualidade”, “cínico”, “arroto de jumento” e “bafo de urubu”.

S: Esse cara aí [aponta para a foto do criminoso no telão]. Ele é tão safado! [...]. Você sabe que eu não gosto, eu não tenho costume de chamar palavrão, eu não fui criado chamando palavrão [...], mas numa hora dessa a revolta é tão grande, que agente fica com vontade de chamar um palavrão com ele [...]. Você vê um pai, deitado numa rede, ele pega um cassete, quando ele mete a primeira porrada na cabeça do pai o pai se acorda e cai: ai meu Deus! Ele mesmo confessa que o pai faz: ai meu Deus! O pai estava dormindo. Ele é tão canalha, esse cara aí, esse cara é tão tijolo de fossa da pior qualidade, o pior tijolo de fossa na fossa mais cheia do mundo, porque ele teve coragem de matar o pai dormindo e ainda diz com a cara mais cínica: não, porque ele chegou embriagado e tava discutindo. Mentira dele! Esse bicho é mentiroso, é nojento! Eu sei que tem gente que vai ter pena dele. Se alguém tem pena dele, então leve pra sua casa e bote pra dormir com seu pai, com sua mãe, ou você durma do lado dele. Porque o cara que mata o pai, meu irmão, o cara é capaz de fazer qualquer tipo de desgraça com qualquer uma pessoa. Ele é tão cínico, ele é tão arrote de jumento, ele é tão bafo de urubu que ele fica: não, eu sei que errei. [...]. Eu garanto que o pai não gritou só ai meu Deus. O pai gritou um grito de desespero, olhando pra ele e dizendo: o filho que criei, o filho que tudo fiz por ele, agora acaba de me matar! [...]. Isso é absurdo minha gente, esse cara tinha que mofar na cadeia! [...]. Se esse cara morrer e chegar na porta do inferno o diabo num quer nem receber ele lá. E recebe com um espeto bem grande e empurrando na barriga dele. [...]. A informação que eu recebi, porque ligaram pra mim, é que o pai gritou várias vezes: meu filho você tá me matando, faça isso comigo não! E ele [o filho]: tome, tome, aí o pai parou de falar, de gritar, deu seu último suspiro olhando pra ele. [...]. Bote aqui a imagem pra encerrar. Desse cara canalha, tijolo de fossa, arrote de jumento, que na minha opinião, deveria ter uma lei pra fazer ele mofar na cadeia.

O uso de palavrões e expressões ordinárias além de demonstrar revolta com o fato e emitir juízos acerca do agressor, também pode conferir um tom jocoso ao jornal, levando o telespectador a gargalhar, ao mesmo tempo em que se indigna com os crimes. São elementos que demonstram também o emprego do humor como elemento para atrair o telespectador. Tal característica acaba dando ao programa a conotação de entretenimento e não apenas de informação.

3.1.3 A vítima que é “homem de bem”

Na terceira e última reportagem se repetem quase todas as características alavancadas nas duas primeiras. O uso de expressões populares tais como “meu irmão”, “sinuca de bico”, “botar bala”, “meteu” e “cara” perpassa toda a narrativa, que simula um diálogo entre criminoso e vítima. Isto é uma característica da teatralização, ou dramatização do fato, feita tanto no discurso do apresentador, quanto nas gesticulações que realiza no cenário.

SAMUCA (S): Morte em João Pessoa. Morte no Alto do Mateus. Um jovem de vinte e um anos. Ele jogava Sinuca. Teco-taco, teco-taco [o apresentador encena um jogo de sinuca]. Jogando Sinuca. Teco-taco, teco-taco. Éeee, caiu! Na hora que ele tava jogando, três caras chegaram, olharam pra ele e disse: meu irmão, tu botou a bola e entrou aí na caçapa, num foi? Tu levasse uma sinuca de bico meu irmão. Enquanto tu bota a bola aí na caçapa da mesa, eu vou botar bala em tu. E meteu bala nele. Olha bem esse rapaz aqui [aponta para a foto da vítima no telão]. Ele tava jogando sinuca com outro. Ele não esperava. Quando ele meteu o taco na bola, foi a última bola que ele botou. [...]. Mostre aí a matéria, vai!

Em seguida, a exibição da matéria. O repórter, por sua vez, com base em fontes testemunhais, emite juízos acerca da vítima: “é homem de bem”. Há poucas consultas a fontes especializadas e oficiais que, no programa, se resumem praticamente ao discurso dos policiais. Cabe lembrar que nas três matérias, nenhuma fonte especializada é consultada e elas findam no discurso testemunhal de vizinhos, amigos, familiares e policiais.

REPÓRTER (R): A vítima estava jogando sinuca quando de repente chegaram três homens a pé e atiraram por várias vezes na vítima que acabou caindo entre a porta que dá acesso à sala. As informações são essas: de que a vítima é homem de bem, trabalha como pedreiro e não tem envolvimento com ninguém aqui do Alto do Mateus. Os policiais militares vieram para o local, fizeram o isolamento aguardando agora a perícia, o delegado plantonista da área juntamente com o carro do GEMOL, para fazer a remoção do cadáver.

POLICIAL (PM): Três elementos o executaram e saíram andando a pé tranquilamente.

R: Como se nada tivesse acontecido as pessoas agora estão matando aleatoriamente?

PM: Com certeza e aqui ninguém sabe, ninguém viu. Reina a lei do silêncio.

R: Aquele cidadão que está ali é o proprietário do estabelecimento?

PM: Positivo. Ele é o dono do bar, conhecido por bil.

R: E o nome da vítima? O senhor já chegou a conversar com parentes?

PM: Conversei com o pai dele, [diz o nome do pai]. E [diz o nome da vítima] é o nome da vítima. Residia no local, a profissão, ajudante de pedreiro, idade vinte e um anos e solteiro.

R: Não tem passagem na polícia? É do seu conhecimento? É um homem de bem, trabalhador?

PM: Positivo. Segundo o pai dele, ele trabalha com ele e trabalhou hoje até cinco horas da tarde.

R: Os policiais militares agora aguardam a chegada do GEMOL pra fazer a remoção do cadáver a até o presente momento, ninguém foi preso.

O apresentador dramatiza as matérias fazendo gestos, posições no estúdio que sugerem uma reconstituição da cena do crime. Deste modo, quando relata a morte na sinuca, gesticula atos parecidos com o de um jogador, segurando o taco e indo com os braços para frente e para trás, indo e vindo de um canto a outro do estúdio, conferindo um tom jocoso à apresentação. Também, quando descreve a cena do filho que mata o pai na rede, dramatiza os prováveis gestos realizados pelo pai se abaixando e colocando as mãos na cabeça para se proteger dos golpes.

Importante é acentuar que a jocosidade do telejornal não se resume à linguagem, mas a todo um conjunto de equipamentos utilizados para tal finalidade. Tais elementos não podem ser vistos nas matérias acima transcritas, tais como músicas, vinhetas, vozes, sons de diversos tipos usados como complemento, ou “pano de fundo” da voz do apresentador, assim como o próprio tom da voz que este usa para realçar os fatos. O fato do apresentador e dos repórteres possuírem apelidos populares por si só constitui um fenômeno de gracejo, característico do jornal sensacional.

4 CONCLUSÃO

O jornalismo policial tem uma estreita ligação com o fenômeno denominado sensacionalismo e isto é característico não só do jornalismo paraibano, mas de outras regiões do Brasil.

O Correio Verdade é um programa de telejornalismo policial do tipo sensacionalista e suas características, extraídas das três reportagens descritas e dialogadas com autores que se ocuparam do tema, evidenciam este fenômeno. Crimes brutais estão entre as principais ocupações de seus repórteres e a forma de

apresentar as notícias é dramática e jocosa. A linguagem utilizada lança mão de gírias para se referir ora aos telespectadores, ora aos criminosos, tais como “esse cara”, “meu irmão”, “minha gente” e “gente boa”.

Durante a apresentação do programa, ou nos comentários que faz sobre as matérias, ou no diálogo que realiza com o telespectador, Samuca busca, constantemente, despertar as emoções de quem está “do outro lado” da TV. Elas podem ser de tristeza, revolta, indignação, raiva, etc. O telespectador é levado a ter pena da vítima e raiva do agressor, por exemplo. Isto é perceptível no uso de expressões, tais como: “a pobre da mãe”, “pobrezinha da mulher”, “eu fico com um sentimento de piedade pela mãe”, “eu sou tomado por um sentimento de revolta contra esse cara aí”, “dá nojo ouvir ele falando”, “numa hora dessa a revolta é tão grande”, “o cara era bacana”. O tom da voz, ao expressar raiva, ou piedade, por exemplo, é um componente crucial de manipulação dos sentimentos do telespectador.

Este tipo de telejornal, à medida que abre espaço para participação direta do público, e se aproxima deste através do uso de sua linguagem, também corre o risco de perder credibilidade, por exemplo, por fugir dos padrões de Ética jornalística, e julgar de modo errôneo, criminosos e vítimas.

Desse modo, que um repórter entreviste um malfeitor com tom imperativo, ou que um apresentador dramatize um crime enquanto o narra, foge dos padrões formais de jornalismo, mas isso não é motivo de incredibilidade. Porém, fazer pré-julgamento acerca de pessoas e fatos, se referir a indivíduos com expressões que o agridem de forma direta, ou indireta acarreta não só falta de decoro com os padrões de deferência da comunicação social, como também crime.

Há que se pensar uma produção de telejornal que concilie participação popular, atendimento às demandas de justiça social, informação pública e prestação de serviço público, com padrões de conduta, de linguagem, de comportamento, éticos, viáveis, aceitáveis, tanto para os jornalistas, quanto para as outras instituições que envolvem o cotidiano de todos.

5 REFERÊNCIA

AGRIMANI SOBRINHO, Danilo. **Espreme que sai sangue**: um estudo do sensacionalismo na imprensa. São Paulo: Summus, 1995. (Coleção Novas Buscas em Comunicação; v. 47).

AMARAL, Márcia Franz. **Jornalismo popular**. São Paulo: Contexto, 2006.

ARBEX JÚNIOR, José. **Showrnalismo**: a notícia como espetáculo. São Paulo: Casa Amarela, 2001.

ERBOLATO, Mário L. **Jornalismo especializado**: emissão de textos no jornalismo impresso. São Paulo: Atlas, 1981.

Legislação básica do jornalista: leis, decretos e códigos. Campina Grande, Associação Campinense de Imprensa: 2000.

OLIVEIRA, Danilo Duarte. **Jornalismo policial, gênero e modo de endereçamento na televisão brasileira**. Bahia: POSCOM/UFBA, 2008. (Artigo científico apresentado no Colóquio Internacional Televisão e Realidade de 21 a 24 de Outubro de 2008).

REZENDE, Guilherme de. **Telejornalismo no Brasil**: um perfil editorial. São Paulo: Summus, 2000.

SOUZA, Anamaíra P. Spaggiari. **Jornalismo policial sensacionalista**: entre a audiência e a função social. Curitiba, 2009. (Trabalho apresentado no XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 7 de setembro de 2009).

UEPB. **Manual de normatização do Trabalho de Conclusão de Curso - TCC** - do curso de Comunicação Social. Organizadores: Cássia Lobão Assis, et al. UEPB: Campina Grande: EDUEPB, 2001.

_____. **Programa Correio Verdade**. Disponível em: www.sites.portalcorreio.com.br/correioverdade. Consulta: 12/12/2013.